This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

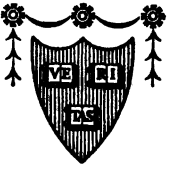
+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Port 6238.21

D20965



Harvard
College
Library

MANOEL DA SILVA GAYO

POESIAS

CANÇÕES DO MONDEGO
RIMAS ESCOLHIDAS

COIMBRA
LIVRARIA UNIVERSAL
FRANCISCO FRANÇA AMADO, EDITOR
R. Ferreira Borges

M DCCC XCII

Printed in [illegible]

ao Snr. Wilhelm Storck,
ao illustre Poeta e grande
espirito critico

Homenagem
respeitosa e
grata

POESIAS

de

Silva Gayo

Lisboa
1-8-92

PREFACIO

—

Este volume comprehende — como se vê dos titulos — a collecção inedita das «Canções do Mondego» e — das minhas «Primeiras Rimas» —, apenas aquelles versos, que absolutamente não rejeito.

Ao deixar, para sempre e definitivamente, a poesia, faço n'este livro pallido o meu testamento lyrico — humilde testamento de pobre!

Não valia de certo a pena (dirão com justiça os poucos que me lerem) enfeixar n'um volume todas estas composições.

E, no entanto, sem desconhecer essa verdade trez causas me levam a publical-as.

Em primeiro logar fallam-me, — umas e outras — de melhor epocha da vida; e o refugio no passadc é muitas vezes, mesmo para os novos, a mais grata das consolações.

Depois, penso: todo aquelle que escreve deverá olhar sempre com enternecido interesse as suas primeiras paginas, por banaes, inconfessaveis que pareçam. Foram ellas que nos deram as virginaes emoções do trabalho realizado; nada, de futuro, nos commoverá como o que se fez n'esse matinal e hesitante crepusculo da vida e da arte. São os primeiros marcos no caminho — macio ou pedregoso — que tenhamos a seguir; e ninguem deve, por isso, perdel-as de vista — para saber quanto caminhou... ; se caminhou.

Emfim, desejando, de hoje em diante, dedicar-me, sobretudo, a trabalhos criticos, — ser-me-ha de vantajem, relativa, mostrar que conheço um pouco a technica do verso.

Sobre as composições da segunda parte nada direi, visto já terem sido publicadas, em 1887.

As «Canções do Mondego», escriptas ha muito, algumas em Coimbra ainda, outras ao deixar ou passada apenas a vida academica—deveriam ter sido publicadas então. Hoje, são de certo folhas murchas e fructos engelhados.

Tentei, n'estas lyricas, dar, de leve ao menos, no que têm, realmente, de caracteristico e suggestivo, as

impressões e aspectos da vida Coimbrã, por onde todos atravessámos como uns ephemeros — cantando já canções de sabor saudoso, quando ainda bebiamos, a fartar, o môsto vermelho e embebedante da mocidade. E quiz tambem dar, fugitiva que fosse — a emoção d'esta paizagem unica — firme de contornos, inconstante e passageira de tons — onde em tudo a vida apenas sorri, quando não chora: na graça feminina, dolorida dos choupos delgados, na doçura resignada dos olivedos, nos verde-brancos soluços dos salgueiros... Quiz embeber-me da alma esparsa e triste em que toda esta natureza magoada se espiritualisa e funde — a alma eterna e fugidia que se ergue do meu Mondego divino... d'este meu sagrado Nilo do Sonho...

Mas sei bem que não consegui fazer o «livro de Coimbra», como o comprehendo e presinto.

Poderão, comtudo, estas «Canções» ter, talvez, o merito de acordar n'outro, mais feliz do que eu, o desejo de escrever essa bella obra. E ficar-lhe-hei grato, ao bom desconhecido, por dar-me uma sensação de natural e doce poesia, quando a existencia já me sabe tanto a amargo.

Coimbra, maio de 1892.

Manoel da Silva Gayo.

CANÇÕES DO MONDEGO

As minhas canções

Amigos, estas Canções
são simples como os descantes
que á tarde vibram, distantes,
levados nas virações.

São como o canto que entôa
o lavrador pela estrada,
e de quebrada em quebrada
plangentemente resôa;

pois solto-as tambem ao vento
ao pisar a estrada breve
onde a Illusão nos deteve
a marcha por um momento;

ao ver já sumir-se ao largo
a terra da mocidade,
quando o pranto — orvalho amargo —
faz vicejar a Saudade.

Ao lêl-as talvez, um dia,
dias vos lembrem risonhos,
em que bordaveis de sonhos
a teia da phantasia,

n'essa «terra promettida»,
onde a nossa bocca em flôr
bebe na taça da vida
o doce nectar do amor.

Talvez ao lêl-as oiçaes
— como n'um echo vibrar —
á hora crepuscular
vossas canções matinaes.

Talvez que então do porvir
no deserto desnudado
ainda vos venha sorrir
a miragem do passado...

Amigos, estas Canções
são simples, banaes descantes
como os que passam vibrantes,
á tarde, nas virações.

São como estranha cadencia
que recordasse, através
da saudade, a limpidez
da voz d'oiro — adolescencia,

na singeleza lembrando
tambem rimadas cantigas,
que ao longe fosse entoando
um côro de raparigas.

E se as vou soltando ao vento
ao pisar a estrada breve,
em que a Illusão nos deteve
a marcha por um momento,

— é que dá prazer ignoto
repetir na vida inteira
a mesma canção ligeira
do tempo alegre e remoto,

a doce canção de outr'ora,
que todos juntos cantámos
cada dia e cada hora,
nos vergeis que atravessámos.

Amigos, estas «Canções»
são simples como os descantes,
que á tarde morrem, distantes,
nas serenas virações...

1887

Coimbra...

A terra que vos pinto, meus amigos,
é terra de cantares,
cidade medieval — bairros antigos —
sobre um rio e pomares;

— terra de alegres moças e estudantes,
terra de solta vida,
onde o Amor é canção que dura instantes
e que é, breve, esquecida.

Velhos templos, d'ameias coroados,
d'arcada bizantina,
destacam nos socalcos dos telhados,
que sobem a collina.

Bordam as ruas, ingremes, fachadas
d'architectura densa,
onde abrem medalhões, finas arcadas
da pura Renascença.

N'uma antiga janella, que recorda
côrtes e cavalleiros,
uma costureirita magra borda,
agora, entre uns craveiros.

Em dias estivaes sôam cantigas
nas velhas ruas, quando
se juntam, pela tarde, as raparigas
ás portas costurando.

N'essa hora o velho burgo, da collina,
toma um aspecto estranho
de scenario phantastico, e domina
um rio côr d'estanho.

Azulam-se as montanhas do nascente...
Nas faldas dos outeiros
bocejam monacal, pesadamente,
solares e mosteiros.

e, ao longo dos atalhos embrenhados
entre verdes balseiras,
trazem as moças cantaros ornados
d'alegra-campo e aroeiras.

Toda a paizagem tem, n'essa plangente
hora crepuscular,
a apparencia d'um sonho inconsistente,
que vae a desmaiar

ao fundo, na região macia e clara
—choupos e salgueiraes—
por onde as aguas correm á ceara
farta dos milharaes.

As lavadeiras cantam; vibra e sôa
o côro alegre e brando...
Singram barcas da Serra, em fina prôa,
a branca véla inchando...

larga véla, que um lábaro parece
em barco de romeiros,
por entre a confraria—toda em prece—
dos curvados salgueiros.

Anoitece;
arvoredos esboçados
fundem mancha sombria,
que o rio espelha ainda, aos retardados
brilhos mortos do dia.

No burgo tudo toma estranho córte;
ameias, coruchéos
lembram vivas gravuras d'agua-forte
mordendo o azul dos céos.

*
* *

Ás noites, sob o frio e mudo pranto
dos espaços calados,
vae o luar vestir d'um fino manto
os porticos rendados.

É hora de guitarras e descantes:
n'essas noites de lua
vibram as serenatas d'estudantes
em cada velha rua.

E as moças vêm ouvir, alvoroçadas,
as doces guitarrilhas,
... que n'esta terra o amor pelas veladas
foi das mães e é das filhas!

Lá fóra, pelo valle, ás noites lentas,
nos choupaes e olivedos
passam visões da nevoa, friorentas,
por entre os arvoredos.

São figuras antigas da Legenda
que, n'essa hora divina,
ephemeras debuxa a leve renda
de luar e neblina,

e que assim vêm das cryptas e mosteiros
— onde as detem a morte —
n'um cortejo de donas e guerreiros,
de lindo e nobre porte,

— ouvir o pranto doce, mysterioso,
da murmura torrente,
sobre que passa Ignez — espectro airoso —
chorando eternamente...

1887.

No rio

Desce o barco no veio da corrente,
abandonada a vara; — já no rio
mal vejo projectadas, vagamente,

as imagens, no esboço fugidio.
Ainda fremem na margem rumorosa
os ninhos.
No crepusculo sombrio

esbate-se a paisagem leve, aquosa.
O côro verde-branco dos salgueiros
soluça uma canção mysteriosa,

inconsolavelmente. Nos mosteiros
sôam trindades—prece agonisante,
que os echos vão resar pelos outeiros.

E entre as vozes da beira susurrante
— n'essa paz elegiaca, sonhada —
o rio vae dizendo, soluçante:

«Ó cinceiraes de rama desgrenhada,
Sugae — sôfregamente sequiosos —
em mim a farta seiva, renovada;

no meu leito chupae, troncos annosos,
o vosso verde sangue. Eu sou a vida,
— verde-negro pomar, choupos nodosos —

que em vossas folhas treme, renascida.
Sou toda essa paisagem clara e pura,
a recordar — na graça dolorida —

uma canção que prende e que amargura;
pois quando, feito nevoa, inconsistente,
páiro em sonho suspenso, na planura,

sou como um deus d'amor que, docemente,
vae fecundar a terra silenciosa —
— a amante que deseja eternamente.

Esta minha corrente mysteriosa
é todo um mundo d'almas que, rolando
feita ondas, — a margem rumorosa

uma, apoz outra, veem retratando.
N'este ser e não ser — que é fugidia
dôr de eterno acabar — se passo, é dando

ás boccas das raizes, noite e dia,
no meu morrer a vida e a mocidade.
Por isso este marulho é uma elegia,

e cada onda que foge uma saudade.
E diz minha alma : « Ó rio murmurante,
a adolescencia — a clara e leve edade —

ao teu fugir continuo é semelhante;
pois é cada um de nós onda perdida
d'uma eterna corrente; e um só instante

brilha em cada alma, apenas reflectida,
a paisagem (que longes d'oiro e rosa !)
dos ephemeros sonhos d'esta vida.

Por isso a nossa voz, ainda fogosa,
chora o pranto que chora a natureza,
e diz, como a torrente marulhosa ;

suaves apparencias da Incerteza,
que fingis tanta dura e assim passaes,
sonhos puros de Gloria, Amor, Belleza,

com as vossas raizes virginaes
nosso peito mordei, sôfregamente;
mergulhae vossas boccas nas caudaes

da breve juventude -- essa corrente
que, fugindo, nos leva, sem voltar,
— mas que ha de em vós florir eternamente,

mas que ha de eternamente em vós cantar!...
.....
....

1886.

A visinha

Se assomava entre os craveiros,
que o seu peitoril bordavam,
todos na rua gabavam
aquelles olhos trigueiros.

Cantava sempre, talvez
para as magoas espalhar,
porque assim faz, muita vez,
quem passa a vida a penar.

E se havia quem dissesse :
« não leva vida de moura,
pois canta ao raiar d'aurora,
e canta até que anoitece »,

quando os seus olhos erguia,
um momento, da costura,
a luz que n'elles sorria
era feita d'amargura.

Um poeta enamorado
da costureira visinha,
só para cantal-a tinha
aulas e livros deixado.

E ouvi mesmo, — a quem não sei —
que um doutor de theologia,
e velho doutor da Lei,
— profundo em quanto sabia —

de tal modo se prendera
no encanto d'aquelle olhar,
que, de só n'elle pensar,
— toda a sciencia perdera.

Por ella — flôr das trigueiras,
entre as moças cubiçadas —
se ouviam noites inteiras
descantes e guitarradas.

Mas ninguem lográra ainda
descobrir a quem amava
aquella tricana linda
que á janella costurava.

Ao ver seu airoso porte,
pensava a gente que tinha
em frente alguma rainha,
princeza de nobre côrte;

que algum principe encantado
— para em sonhos a tentar —
viria a fronte pousar
no seu avental bordado,

e contar-lhe, desnastrando
sua trança setinosa,
a eterna historia amorosa
dos peitos que andam penando.

Nunca ninguem a topára
nos arraiaes e fogueiras,
a rir entre companheiras
n'uma roda, á lua clara.

Mas ninguem lográra ainda
descobrir a quem amava
aquella morena linda,
que á janella costurava.

Constou-me, no entanto, um dia,
que aquella doce morena
com seu cantar encobria
segredo d'intima pena,

historia triste... d'amores,
que a morte cortára em breve,
como uma chuva de neve
crestando um campo de flores...

E ainda havia quem dissesse:
« não leva vida de moura
se canta ao raiar d'aurora,
e canta até que anoitece! »

— Dá muita sentença louca
quem dá de tudo a razão,
pois muita vez canta a bocca
quando chora o coração.

Regresso...

Vendo correr-te o pranto
na hora em que parti,
— como me amavas tanto —
ao dar-te o «adeus» sorri....

— Ouvi quando voltei:
«Já te não ama, não».
Era verdade, e então
— vendo-te rir —.... chorei....

Serenata

Dorme a cidade agora; a casaria,
branquejando no outeiro declivoso,
lembra unido rebanho sequioso
demandando a torrente doce e fria.

Rumorejam lá fóra os arvoredos
n'um banho de luar que alaga o espaço
accendendo no rio brilhos de aço,
prateando os salgueiros e olivedos.

De subito desperta, cada rua
vibra agora de trovas e cantigas;
— por essas noites brancas d'alva lua,
acorda o Amor cantando, as raparigas:

«Deixae o leito, crianças,
e vinde á luz do luar
— desfeitas as longas tranças —
nossas canções escutar.

Vinde ao dormente fulgor
da noite calma, radiosa,
sugar — abelhas do amor —
nossa bocca sequiosa.

Deixae o leito, pequenas,
que é doce, em alegre bando,
ir de mãos dadas cantando
por estas noites serenas.

Sob o profundo arvoredo
é doce ter-vos nos braços
em demorados abraços,
presas d'amor... e de medo.

Vinde, pois, filhas, — lá fóra,
pelas aleas perfumadas,
ninguem de certo ouve agora
as falas das namoradas.

É hora de andar erguido
o bando das feiticeiras,
dançando n'essas clareiras
pelo valle adormecido;

— emquanto á luz do luar,
— chorando compridas mágoas —
os salgueiros vão roçar
as verdes tranças nas aguas.

Ai! vinde, brancos jasmins,
esgotar a longos tragos
um licôr, que o Rei dos Magos
nos dará nos seus festins,

— uns philtros doces, bebidos
pela taça mysteriosa
que formam, n'um beijo unidos,
frescos labios côr de rosa.

Quando fugir o luar
em ronda iremos dançando,
cada um seu par trocando
para a todas abraçar...»

Mas perde-se a guitarra ao largo; anciosa
vibra nos echos trémulos, distantes...
e mal sôa dos ultimos descantes
a redondilha ardente e amaviosa.

Dorme de novo tudo; a casaria,
branquejando no outeiro declivoso,
lembra unido rebanho sequioso
demandando a torrente clara e fria.

1887.

Coração trocado

Em sonhos uma fada
trocou-me o coração;
levou-t'o, ó minha amada,
e o teu me trouxe, então.

Porque será não sei,
mas dá-se este contraste:
tu, nunca mais cantaste,
eu, nunca mais chorei...

Em ferias

I

Quando, aó entrar d'abril, desabrochava
a flôr dos pecegueiros,
e o capello da relva se collava
aos hombros dos outeiros ;

quando, á borda das ingremes ladeiras
— sob a luz doce e leve —
parecia que a rama das pereiras
se toucava de neve;

e pela insua larga, humedecida
da ultima invernada,
começava a acordar de novo a Vida
na leira semeada,

e o verde salgueiral, rumorejante,
as varas mergulhando,
enrugava a flôr da agua, a cada instante,
n'um beijo lento e brando,

— eu, fugindo á cidade então, partia,
— mal as ferias chegavam —
para uma aldeiasita erma e sombria
que os pinheiraes cercavam:

— povoado tristonho, pendurado
sobre estreita ribeira,
um rebanho lembrando alcandorado
d'abrupta ribanceira.

Até lá percorriam-se caminhos
bordados de giestaes,
entre o vivo trillar d'erguidos ninhos
e á sombra dos pinhaes,

ou dos profundos soitos seculares,
— na entrada das aldeias —
onde zumbem, já proximo, as colmeias,
e rangem os teares.

Nos echos demorados e distantes,
nas quebradas sonoras,
espalhavam-se, ás tardes, em descantes
as vozes das pastoras,

emquanto pelo valle, aberto em fragoas,
cantavam mós pesadas,
fazendo espadanar as claras aguas
no açude represadas.

II

E foi alli que, em dias que lá vão,
senti preso d'amor
bater junto do meu o coração
da mais agreste flôr.

Mas ainda hoje recordo essa trigueira
de seio farto e quente,
e a noite em que, na vida, a vez primeira
mordi seu labio ardente!

Ah! bello tempo era esse, em que eu beijava,
logo ao vir a manhã,
sua carnuda bocca, que lembrava
um môsto de romã,

e em que juntos os dois pelos caminhos
seguiamos cantando,
ouvindo ao longe apenas os moinhos
na levada rodando.

... até que, ao seu olhar amortecido
de novilha amorosa,
eu lhe cingia o busto appetecido
e a cinta donairosa.

Depois vinham preguiças demoradas
em leitos de caruma,
emquanto o sol doirava as cumiadas
de luminosa bruma.

Todo o pinhal bebia, immovelmente,
a luz do meio dia,
sob um silencio cálido e dormente,
onde apenas se ouvia,

a espaços, um ruflar d'azas perdido...
um insecto zumbindo,
ou sob o matagal, todo florido,
algum reptil fugindo...

III

E todos pela aldeia murmuravam
d'esses nossos amores,
quando, ao tombar da noite, se juntavam
no adro os lavradores.

Ao chegarem, as moças do logar
diziam: «da ribeira
ninguem já no moinho ouve cantar
a filha da moleira.

É passaro fugido ao ninho; e agora
d'uma vez o prendeu
um novo caçador, vindo de fóra,
que o laço lhe estendeu.

Elle era de suppôr: quem ao luar
anda tão confiada!
Para que ia tão tarde, e só, guardar
o linho na levada?! »

Mas de todos sorria essa trigueira
de seio farto e quente,
e beijava-me mais que a vez primeira
aquella bocca ardente.

E em vão o bom do cura lhe dizia:
« Filha, amor d'estudante
é coisa que não dura mais que um dia,
mais do que um só instante ».

Aos sermões do bom velho a rapariga
esquecer-me jurava;
mas, — ao fiar á porta a branca estriga —
se ao longe me avistava,

d'aquelle coração alvoroçado
voava, n'um momento,
tudo quanto ella tinha protestado
em grave juramento.

IV

Quando um dia, por fim, lhe fui dizer:
« vou partir, sem voltar »,
julguei então alli vêl-a morrer,
tal era o seu chorar.

Por isso foi cruel a minha dôr
quando no longo « adeus »
eu a beijei, sentindo-lhe o tremor
dos seus labios nos meus.

Por muito tempo as moças do logar
disseram: «da ribeira
ninguem já no moinho ouve cantar
a filha da moleira».

Até que um dia, emfim (toda a avaria
a Egreja remedeia),
sempre o santo prior da freguezia
lhe achou noivo n'aldeia.

No emtanto ainda hoje lembro essa trigueira
de seio farto e quente,
e a hora em que, na vida, a vez primeira
beijei seu labio ardente.

1887.

Ausencia...

Desde que, por te não vêr,
vejo em tudo... noite escura,
resta-me só a ventura
de duvidar em dizer:

— qual mais custa: se a tristeza
d'um «adeus» amargurado,
se a dura e firme certeza
de estar penando a teu lado.

A noite de S. João

S. João por ver as moças
Fez uma ponte de prata;
As moças não vão a ella,
S. João todo se mata.

CANÇÃO POPULAR DE COIMBRA.

I

E' noite de S. João.
No ar perfumado e quente
soluça uma voz ardente
uma dolente canção.

Passa agora a estudantina,
e as raparigas em bando
vão-n'a seguindo e cantando
á luz da lua divina.

Ao soar das guitarradas,
pelos bairros e ladeiras,
as moças alvoroçadas
fazem roda nas fogueiras.

Os corações acordados
já saltam dentro do ninho
dos seios, que o rosmaninho
traz frescos e perfumados.

— A noite, sorrindo ao mundo,
desperta vagos desejos,
aos doces, tremulos beijos
dos astros, no azul profundo.

E toda a velha cidade
entôa vivos descantes
em que ha historias d'estudantes
feitas d'amor e saudade ..

II

A doida guitarra treme,
mil arabescos bordando
no fundo moroso e brando
d'um canto que arrasta e geme...

ESTUDANTE (cantando)

— «A minha guitarra agora
parece uma voz celeste;
tem cordas da trança loura,
que tu ha pouco me déste.

Por isso, apenas a mão
n'ella toca, eu sinto logo
como uma rêde de fogo
prendendo-me o coração».

RAPARIGA (cantando)

— «Um coração d'estudante
não é peixe de pescar;
entra na rêde um instante,
mas nunca lá quer ficar».

ESTUDANTE

«Dona dos olhos escuros,
antes tu me désses, louca,
os beijos que d'essa bocca
já te caem de maduros».

RAPARIGA

« Nunca a fruta vi colher
antes de ser semeada:
nada posso conceder
sem primeiro ser amada ».

— E a ronda segue e volteia
á luz da fogueira clara,
como uma viva cadeia,
que ora se prende ou separa;

emquanto a chama crepita,
e as vozes cantam n'um còro,
já toda a roda se agita
ao som das gargantas d'ouro...

Ficam por vezes unidos
os braços, languidamente,
emquanto um olhar ardente
os olhos tem confundidos;

com mais ardor e bravura
lhes palpita o coração,
debaixo da capa escura
e sob o fino roupão.

Passa no ar o perfume
d'um embebedante amor
que, dos desejos ao lume,
vem a murchar ainda em flôr,

e que derrama e desprende,
na morbidez das canções,
o philtro que em breve rende
e amollece os corações....

Vae seguindo a estudantina,
e rindo todas em bando
vão as tricanas cantando
á luz da lua divina...

AS RAPARIGAS

«Em noite de S. João
diz que anda o Amor á solta,
quem vae com esse ladrão
nunca a «mesma» depois volta.

Ninguem dorme quando passa
o seu amor pela rua;
tem as palavras mais graça
ditas ao brilho da lua.

Por isso acordae, pequenas,
vinde bailar nas fogueiras;
dançando afastam-se as penas,
cantar não lembra canceiras».

E tudo segue o descante
á luz do brando luar,
vendo-se ás vezes, distante...
fugir na sombra algum par...

III

Apagaram-se as fogueiras
e, como em festões quebrados,
dançam pares separados
pelas ingremes ladeiras.

E o bando alegre e ruidoso
vae pelas margens do rio,
ao branco luar do estio,
á luz d'um ceu mysterioso.

RAPAZES (cantando)

«A Fonte do Castanheiro
tem virtudes milagrosas:
aos pobres faz ter dinheiro
ás feias torna-as formosas.

Vinde, moças e meninas,
cantando alegres canções;
aquellas aguas divinas
dão amor aos corações.

IV

E' quasi manhã. Agora,
pelos sombrios caminhos,
acordam todos os ninhos
a saudar a luz d'aurora.

Mas ainda pelos vallados,
ao pé das sebes em flôr,
ha suspiros abafados
elanguescidos de amor...

Das balseiras orvalhadas
saem murmurios de beijos,
palavras entrecortadas
no palpitar dos desejos.

E de quando em quando espreita
um vulto d'entre o arvoredo,
arfando de gozo e medo,
compondo a trança desfeita...

Paira no ar a embriaguez
d'uma lascivia profunda,
que a doce e fresca nudez
dos seios brancos inunda,

e que ás flores — nas umbrosas
espessuras — docemente
abre as folhas setinosas,
o humido calix fremente...

V

Já é sol fóra.
Ao voltar,
as moças trazem perdida
toda a côr, e amortecida
a luz ardente do olhar.

E dizem as mães, ao ver
suas faces desbotadas:
«Foi como nós... por beber
aquellas aguas sagradas».

1887.

Recordações

Faz-me a saudade chorar
aquelle tempo de outr'ora...
nem já te lembras... se agora
sempre te vejo a cantar!

Que alegres manhãs aquellas!
Mal o dia despontava,
já eu na rua esperava,
olhando as tuas janellas.

Depois, eu via-te erguer
a leve cortina, a medo,
entresorrir-me em segredo...
até commigo vir ter.

Então, partindo enlevados,
fugiamos pressurosos
pelos caminhos umbrosos
ainda da noite orvalhados.

De braço dado marchando
entre as sebes verdejantes,
iamos sempre cantando
os meus versos em descantes.

Isto era em abril, na volta
da primavera serena.
Já nem te lembras, pequena,
d'essa vida alegre e solta!

Por toda a parte sorria
a natureza inflorada:
tornava-se cada estrada
n'uma alcatifa macía.

A seiva, — na apojadura —
os vegetaes inundando,
vinha dos troncos jorrando
em borbotões de verdura.

E no dormente socego
da margem doce e virente
seguiamos a corrente
luminosa do Mondego.

As azas fôfas rufiando,
áquella hora matinal,
vinham passaros, em bando,
saudar-nos d'entre o choupal,

ao ver tão airoso par
— braço no braço enlaçado —
seguir alegre, a cantar
sob o arvoredo cerrado.

Se cada arvore fallasse
o que de nós não diria!...
... que o meu labio é que tingia
de vermelho a tua face;

que tu, minha doce amante,
— o seio a arfar em desejos —
me prendias, palpitante,
n'uma cadeia de beijos...

Depois, voltando á cidade,
— após as breves jornadas —
ficava-nos a saudade
d'essas caricias passadas,

que, ao vir nascendo outro dia
luminoso e perfumado,
o amor, na ausencia ateado,
ainda mais doces fazia.

Ai! vou na vida chorando
aquelle tempo de outr'ora,
que já nem lembras agora
pois sempre te oiço cantando.

.....
.....
.....
.....

Mal havia eu de dizer
que me quizeras deixar;
mais facil me fôra crêr
que tinha seccado o mar.

— E se tanto me doeu,
é que já tinha provado
como é largo e bello o céo
d'um grande amor partilhado;

como a vida corre breve
quando em frementes abraços
nós estreitamos nos braços
um corpo branco de neve,

e a nossa bocca se colla
n'outra bocca fresca e sã,
que é como viva corolla
ou como aberta romã!

Ai! hei de sempre chorar
aquelle tempo de outr'ora,
que já nem lembras agora...
pois sempre te oiço a cantar!

Em Santa Cruz

Egreja de Santa Cruz
toda de pedra morena,
dentro de ti ouvem missa
dois olhos que me dão pena.

CANÇÃO POPULAR DE COIMBRA.

Não te recordas, Maria,
d'aquelle primeiro dia
dos dias do nosso amor?
Nunca eu vira tanta luz

um templo enchendo, criança:
teus olhos — pharoes d'Esperança —
inundavam de fulgor
— a Egreja de Santa Cruz.

Nunca meus labios rezaram
e como então imploraram
esse Deus, que a todos cobre.
Talvez não creias, pequena,
mas, por mal da minha vida,
puz-me a sonhar que era erguida
a ti essa egreja nobre
— toda de pedra morena.

Na noite do meu destino
eu víra, templo divino,
do Santo Sacrario teu
apagar-se a luz mortiça
ante esses olhos sem par,
mas tão humildes no olhar
que, sendo estrellas do céo,
— dentro de ti ouvem missa.

E ai! que doido pensamento
sonhar por um só momento
que as estrellas nos entendem
lá da vastidão serena.
Assim tambem, que loucura
viver só da desventura
d'este amor, com que me prendem
—dois olhos que me dão pena!

1886.

Historia simples

I

Morava perto do rio...
a sua casita pobre,
que o arvoredo sombrio
ainda hoje protege e cobre,

sorria festivamente
destacando da verdura,
espelhada na corrente,
que em baixo brilha e murmúra.

Parece que ainda estou vendo
aquelle rosto nevado,
o seu olhar magoado,
os labios doces tremendo!...

Era em noite de luar,
abril dormia, sonhando,
sob os cinceiros vibrando
de rouxinoes a cantar.

Perdido no brando enlevo
de sentil-a junto a mim,
de olhar o firme relevo
do seu rosto de marfim,

ao beijar-lhe os beiços finos
— como o luar lhes batia —
a minha bocca sorvia
na sua os raios divinos;

E nunca, na minha vida,
provei tão doce licôr,
como a luz de Deus bebida
por essa taça do amor.

Mas quando a cingia ao peito
vencida, já minha amante,
na caricia embebedante
d'aquelle corpo perfeito,

— ouviu-se uma voz saudosa
por sobre as aguas cantando,
entre o chôro agudo e brando
de guitarrilha amorosa :

« Foram tantos meus suspiros
ao ver que me ias deixar,
que as mesmas aguas do rio
ainda vão a suspirar. »

Então, de subito erguendo
os olhos negros velados,
fugiu-me doida, tremendo,
d'entre os braços enlaçados.

Depois, n'um pranto de dôr
despedaçadoramente
contou-me a historia pungente
do seu desditoso amor.

II

Era em noite como aquella.
Brilhava doce o luar,
quando junto da janella
sentira uma voz cantar:

« Foram tantos meus suspiros
ao ver que me ias deixar,
que as mesmas aguas do rio
ainda vão a suspirar. »

Ai! nunca tivesse ouvido
o magoado descante,
que esse bohemio estudante
lhe cantára distrahido.

Desde então, curvada a fronte
sob um olhar vencedor,
viu luminoso o horizonte
do seu partilhado amor.

Juntos beberam cantando,
como felizes amantes,
o nectar macio e brando
dos gozos estonteantes...

Mas tudo passa.
E n'um dia
ardente e bello do Estio
dissera-lhe elle, sombrio:
«eu vou deixar-te, Maria.

Fica-te a doce lembrança
do nosso passado amor,
como uma opulenta herança
do mais subido valor.

Vae fugida a mocidade
— a taça em que fervem sonhos
de perfumada ebriedade,
como o sabor dos medronhos.

Deixo a rasgada batina
e a velha capa, que vale
a riqueza purpurina
d'um nobre manto real,

pois foi com ella que andei
de dia e noite cantando
a juventude, que amei,
o tempo que vou chorando...

E agora adeus... mais um beijo,
que seja a ultima flor,
em que nos brota o desejo
no tronco d'um velho amor».

.....
.....
.....
.....

E assim partiu. Desde então
jámais seus olhos lograram
ver esse, por quem choraram
o pranto do coração.

Por isso, quando vibrou
pela noite a voz magoada,
o seu amor despertou
como visão evocada,

e de novo lhe surgiam
aquelles dias d'outr'ora,
que ainda mais negra faziam
a sua noite d'agora...

E nunca mais me foi dado
beber-lhe no labio fino,
— como licôr perfumado —
a luz d'um luar divino...

Até que um dia, por fim,
ouvi dizer que morrera...
que esse nevado jasmim
para sempre emmurchecera.

Mas nunca mais me foi dado
tambem do ouvido expulsar
aquelle canto magoado,
que ainda hoje sinto vibrar:

« Foram tantos meus suspiros
ao ver que me ias deixar,
que as mesmas aguas do rio
ainda vão a suspirar ».

1885.

Vinte annos

I

Perguntavas-me d'antes: que alegria
ou intima ventura
— desde que, ao longe, apenas vinha o dia
até ser noite escura —

me fazia cantar a toda a hora,
e me doirava a vida?
E perguntava-te eu: «ó minha aurora,
ó rôla estremecida,

o que te faz tambem andar cantando
e rindo a cada instante,
como se a Vida fôra um sonho brando,
d'uma embriaguez constante? »

— Nem eu nem tu sabias responder;
mas nossos corações
viviam para, juntos, só bater
ao rythmo das canções.

No emtanto era bem pobre, ó minha amada,
o nosso ninho erguido
n'um quinto andar, soprado da nortada,
do ardente sol mordido.

Negrejava a batina que vestia
meu peito juvenil,
como uma nuvem tragica e sombria
toldando um céo d'abril.

E o teu vestido pobre até lembrára,
— cobrindo esse thesouro —
o folhelho do milho que, na ceara,
veste as espigas d'ouro.

Mas nenhum de nós dois, então, daria,
por um throno radiante,
esse pequeno quarto d'estudante,
que o nosso amor enchia,

— e a janella por onde o doce alvor
do dia nos saudava,
e n'um beijo de luz acariciava
o teu craveiro em flor.

II

Mas se a leve canção, que ambos cantámos,
assim vibrava outr'ora,
e a pobreza ideal, que atravessámos,
nos ria como a aurora;

se, entrando na janella aberta a oriente,
o brilho do sol nado
parecia tornar-se mais ardente,
só por nos ter beijado;

se — ou fosse manhã clara ou noite escura —
eu via sempre egual,
doirando-te do rosto a linha pura,
um raio matinal;

se eu soltava n'um bando mil chimeras,
e sonhos de futuro,
confiado ao mar da Vida, visto que eras
o meu pharol seguro;

se os meus labios nos teus — ainda estremeço —
sorviam longamente
esses philtros d'amor, que hoje, em vão, peço
á tua bocca ardente;

se o teu rosto ainda bello, e o teu olhar,
que estes meus olhos turva,
se o teu collo, tão doce de beijar
na assetinada curva,

— eram para mim tudo, pois que então
eu resumia o mundo
no que amava meu nobre coração,
tão limpido e profundo ;

se tudo : luz do sol, canção fremente,
sonhos a abrir em flôr,
eram fios da teia resplendente
que urdia o nosso amor,

— é que ambos nós então, bem longe ainda
dos lividos enganos,
— e vendo ao largo a Vida abrir-se infinda, —
contavamos vinte annos.

III

Vinte annos! Sois favo d'oiro
d'uma doirada colmeia,
onde zumbe o enxame loiro,
que a luz de maio incendeia:

môsto das uvas primeiras
que enchem um farto lagar,
e fazem rir e dançar
os moços e vindimeiras:

avelludado rebento
do tronco abrolhando apenas;
ruflar macio de pennas,
quando o dia sobe lento...

canção ligeira cantada
por boccas de namorados
sob arvoredos copados,
n'uma deveza orvalhada:

espuma d'onda, que estoura,
— sonho alvejante do mar —
que ao vento vemos dançar
de leve, na areia loura...

clarão de manhã de maio
ao apontar branca e vaga,
mal n'um perdido desmaio
a estrella d'alva se apaga:

noite meiga de luar,
que alegra atalhos e estradas
por onde se ouvem cantar
os ranchos das desfolhadas...

— Vinte annos! Sois a luz clara,
o raio fecundo e brando
que, a terra nua beijando,
faz loirejar a ceara,

pois é sempre a mocidade
— na planta ou no coração —
a seiva, que depois ha de
abrir em flôr ou canção.

Vinte annos! — Têl-os é crêr
que a vida é taça encantada
onde podemos beber,
— sem nunca a ver esgotada —

aquelle vinho embriagante,
que é todo... fervente espuma,
que é sonho... mas nos perfuma
cada dia e cada instante.

Tê-los é — sôfregamente —
partilhar a vez primeira
um beijo d'amor ardente,
d'amor... que é na vida inteira

o astro que d'alto allumia
toda a terra e todo o mundo,
a estrella do Norte e guia
dos que andam n'um mar profundo!...

IV

Vinte annos tinha aquella estonteante alvura
do teu erguido peito,
que nunca leito real jámais viu a esculptura
de corpo tão perfeito ;

Vinte annos tinha a flôr dos labios, como cravos,
que, em fremitos de beijos,
cantavam sobre os meus — da tua bocca escravos —
a canção dos Desejos.

Vinte annos tinha a voz d'essa garganta pura,
e essa face córada,
lembrando o pennujar da fructa mal madura,
na arvore apanhada.

Vinte annos tinha a luz d'esses teus olhos fundos,
e vêl-os era ver
as noites em que, olhando os infinitos mundos,
appetece morrer!

Vinte annos tinha o amor que nos meus olhos vias,
dos teus tão cubiçosos,
quando ebria, toda minha, ao peito me cingias
nos braços carinhosos.

Vinte annos tinha o amor jurado eterno e ardente,
e a esp'rança em vêr cumprido o firme juramento,
Vinte annos tinha o sonho... o sonho d'um momento,
e a illusão de o sonhar na vida... eternamente...

RIMAS ESCOLHIDAS

A MINHA MÃE

Napole vedere...

Ver Napoles e morrer!...

Tambem sei quem para ver
teu reino, ó Musa, trocára
por um dia a vida inteira,
e na hora derradeira
inda teu nome invocára!...

Quando ella morreu...

A LUIZ DE MAGALHÃES

Fugiste, doce amiga : a tua sombra leve
já não vem visitar-me em dias de amargura...
Lirio branco d'amor, ó branca flôr da neve,
morreram para mim os sonhos de ventura!

Quando, angustiosamente, eu vi passar, n'aquella
tarde clara de maio, o teu caixão estreito,
n'essa fronte de santa a corôa singela,
as transparentes mãos cruzadas sobre o peito,

eu julguei que partia, em funebre cortejo,
a imagem virginal da minha mocidade,
e recordei-me então do teu primeiro beijo
n'essa edade feliz como nenhuma edade.

Era estreito o caixão... levava dentro um mundo
— meu 'spirito gentil, a minha pobre flôr —
porque essa que lá dorme um somno tão profundo
foi tudo para mim — o meu primeiro amor!

Ao ver-te o corpo airoso, em branco amortalhado,
disse-me o coração: «ahi vae a tua amada;
o vestido que cinge o corpo delicado
da larangeira exhala a essencia inviolada.

A corôa que cerca a sua fronte nobre
leva rosas que são do teu amor irmãs:
são tuas illusões, que em breve a terra cobre;
vão deixar para sempre o orvalho das manhãs.

E ao ver-te assim partir, no funebre cortejo,
eu senti que partia a minha mocidade,
e recordei-me então do teu primeiro beijo
n'essa edade feliz, como nenhuma edade;...

Porque eras sempre tu, ó gemea da minha alma,
a inspiração feliz dos meus poemas dispersos;
porque era o teu amor, ó musa doce e calma,
o verdadeiro auctor dos meus primeiros versos!...

Um dia construí, de sonhos luminosos,
um castello no monte azul da Phantasia.
D'elle te fiz morada, em tempos venturosos,
e lá te vi sorrir em cada gelosia.

E agora que é perdido esse castello antigo,
das ruinas só vivo em meio d'um deserto,
e como um rei proscripto a minha estrada sigo,
volvendo para traz o meu olhar incerto.

A hera cobre o muro e a dôr meu coração.
Virá a primavera ainda encher de flores
do meu passado alegre o aereo torreão,
onde eu, proscripto rei, cantei puros amores.

Abril ha de voltar : virão aves em bando
os ninhos procurar em tardes perfumadas.
Os rouxinoes da noite hão de acordar, cantando,
n'esse palacio antigo as Sombras assustadas...

Mas bem longe estará aquella que lamento,
— companheira fiel da minha mocidade —
que tive junto a mim apenas um momento,
— n'essa edade feliz, como nenhuma edade...

1882.

Abandonada...

Lembras-te, amigo,
da andorinha que alli, no meu telhado,
o ninho construiu na primavera?
E d'esse antigo
amor que, protestado em labio amado,
meu labio responder amor fizera?
O inverno é perto...
A andorinha partiu... Da região
do sol ha de voltar ao ninho, um dia...

Só eu, deserto
sei que espera por ti meu coração,
d'onde ha muito voou toda a alegria!...

1883.

Paradise lost

Senti viver em mim esse passado amor
— como o aroma que sáe d'um cofre precioso,
onde presa expirou alguma doce flôr —
ao ver o teu jardim sombrio e rumoroso.

Tudo me repetia as expressões d'outr'ora :
a arvore folhuda em que soluça o vento,
os rouxinoes da noite e a voz longa e sonora,
que a solidão soltava assim como um lamento.

no entanto no meu labio um nome voejava
de leve, como passa a viração macia,
e então — echo fiel — meu coração vibrava
dizendo o nome teu, que eu antes lhe dizia...

Tudo me recordava o tempo que lá vae,
o sonho morto á flôr da nossa juventude:
e a tudo eu perguntava: é certo que assim mude
um moço coração que um coração attrahe?

Toda a noite era um sonho extatico e profundo...
Dizia a natureza angustias mysteriosas...
Como é grato sentir chorar comnosco o mundo!
Como eu vos quero agora, ó noites lacrimosas!

Mas quando, ao recordar alli nosso passado,
me lembrou que hoje em dia, ó branca desdenhosa,
sorris ao destruir um sonho immaculado,
como quem desfolhasse as folhas d'uma rosa,

quizera que a minha alma, Ophelia desgrenhada,
se lançasse n'um mar de eterno esquecimento,
ou te fugisse ao largo, ao largo arrebatada,
como véla que vae batida pelo vento....

1883.

Esquecimento...

Quiz escrever o teu nome
sobre a areia fugidia:
o vento passou, levou-me
as cinco lettras — Maria!

Assim meu nome, gravado
no teu vario pensamento,
foi para sempre apagado
pelo frio esquecimento.

O lenço

A JOÃO DE DEUS

Recordação que um dia me legaste
na hora da partida,
o lenço perfumado, em que choraste
a nossa despedida,

guardo-o junto de mim como um thesouro,
tenho-lhe tanto amor,
como esse rei da lenda á taça d'oiro
d'um antigo lavor!

O aroma subtil que n'elle aspiro,
— mais fino que o jasmim —
penso que me segreda n'um suspiro:
« Recorda-te de mim. »

E minha alma, enganada um só instante,
voeja sobre o aroma,
que lembra aquella essencia inebriante
da tua negra côma,

como uma borboleta que cegasse,
e então, sem ver a flôr,
só pelo seu perfume conservasse
uma illusão d'amor...

1884.

Maria

Alguem te disse, Maria,
que eu soffria, e tu quizeste
no teu sorriso celeste
dar-me de novo a alegria.

Quasi que bemdigo a dôr
que me aperta o coração,
visto que ella inspira, flôr,
tão doce consolação!

Como a aza leve e franzina
poisa de manso, poisou
a tua mão pequenina
na minha mão, que a apertou.

E então vi surgir o amor
do fundo dos olhos teus,
como outr'ora o Pescador
víu no mar a luz de Deus!

É coisa que faz scismar,
como a tua mão, creança,
ainda poude segurar
minha alma á beira da esp'rança.

Mas o bom Jesus sustem
— como tu meu coração —
o mundo inteiro na mão...
e é creança tambem!

O teu olhar

Bem hajas, meu doce enlevo!
á luz d'esse olhar amigo,
até melhores consigo
julgar os versos que escrevo;

porque bem vês, branca flôr,
isto da gente passar
a vida inteira a rimar,
sem ter um raio d'amor,

um doce olhar a aquecer
o gelado coração,
— é triste desillusão,
é pena que faz morrer!

Ora quando ha pouco ouviste
alguns dos meus pobres versos
— velhos motivos dispersos,
em que a tristeza persiste —

julguei ver toldar-se a luz
d'esses teus olhos profundos,
que é brilho para esses mundos
e para a minha alma... cruz.

Reflectidos por momentos
julguei ver n'essa pupilla
— (espelho d'alma tranquilla)
— os meus proprios pensamentos —

não é que eu pense, criança,
que a tua alma luminosa
venha raiar-me d'esperança
a minha noite brumosa,

mas pedem meus olhos baços
luz aos teus, lampada erguida!
Quem sabe se os nossos passos
se encontrarão mais na vida.

*
* *

Se pelas noites caladas
passa uma estrella cadente,
outra vae, tremulamente,
sobre as aguas onduladas...

Imagem da que no ceu
primeiro brilha — a segunda
só tem na noite profunda
a luz que do alto desceu!

E vae tão alta a primeira!
Os brilhos são semelhantes,
mas ellas vão tão distantes
na luminosa carreira!

Quando entre sonhos fluctúa
tua alma — é a estrella dos céus;
minha alma a imagem da tua;
meus olhos vivem dos teus.

E é como um lago macio
minha vida... se retrata
todo esse encanto dolente
d'um olhar que prende e mata.

Bem vês pois, doce creança,
que eu não podia abrigar
nem de leve a doida esperança
d'esta distancia encurtar.

mas dá-me ainda aos olhos baços
luz dos teus, lampada erguida!
embora mais n'esta vida
não se encontrem nossos passos...

1885.

Visão mystica

Quando la reína del cielo
Puso los pies en el suelo
En esta piedra los puso.

Recomponho, por vezes, longamente
na minha phantasia
velhos quadros, que vaso fielmente
nos moldes da poesia.

E assim eu reconstruo, sobre um vago
indicio ou fragmento,
soberbas construcções, onde divago
á luz do pensamento.

Uma phrase colhida em velha chronica,
uma rude canção,
uma téla medievica, anachronica,
d'ingenua inspiração;

a curva graciosa d'uma ogiva,
um distico lavrado,
— suscitam-me profunda, forte, viva,
a impressão do Passádo.

E então, se encontro as linhas immortaes
d'algum typo saudoso,
que recorde os perdidos ideaes
d'um mundo mysterioso,

eu busco debuxal-o em transparente
e doce illuminura,
que faça realçar intensamente
a sua fórma pura.

Ora quando detive o meu olhar
no seu corpo franzino,
e vi seus olhos mysticos brilhar
com um fulgor divino ;

quando vi suas fórmas afiladas
d'uma ideal magreza,
as feições pela crença illuminadas
— n'um luar de pureza ;

as linhas angulosas, fugidias,
o doirado cabello,
e as mãos brancas, diaphanas, esguias ;
— n'esse casto modelo

julguei achar d'um sonho espiritual
a doce encarnação,
banhando n'um sorriso o fino oval
de mystica expressão.

E ao vel-a eu me supponho transportado
a decorridas éras;
á Edade-Media, ao gothico passado
ruflante de chimeras.

Vejo essa rendilhada architectura
— phantastica legenda,
na pedra escripta, em forma leve e pura,
para que ao céo ascenda;

formando a nave os fustes cannelados,
e na vidraçaria
os episodios biblicos pintados,
coando a luz sombria.

Sonham junto d'altares sumptuosos
anjos thuriferarios,
e na sombra, rendados, preciosos,
scintillam relicarios.

Por toda a egreja um puro symbolismo:
hieraticas figuras,
sonhadas creações do mysticismo,
sorriem nas pinturas.

Destacam sobre telas fulgurantes
santas em fundos d'oiro;
ha capellas profundas, rutilantes,
como um vago thesoiro.

A rosacea, espalmando as folhas puras
na gloria triumphal,
como em longa raiz, por mil nervuras
se enlaça á cathedral.

Divagando no sonho a que me leva
a luz do seu olhar
— visão que me tortura e que me enleva, —
eu vejo-a n'um altar.

E' ali que a colloca a phantasia,
em nicho auri-lavrado.
Beija a luz d'uma lampada sombria
seu rosto desmaiado.

Ergue as mãos delicadas e franzinas,
na attitude piedosa
das serenas imagens byzantinas
da Virgem lacrimosa,

pois do alvissimo rosto emaciado
corre-lhe em fio o pranto,
cahindo sobre as lhamas e o brocado
do precioso manto...

*
* *

Ora conta uma lenda religiosa
que a Virgem, mãe de Deus,
descera da morada luminosa
dos infinitos céos,

a visitar um templo consagrado.
E, ao ver-se ali tão bella,
de milagre, se diz, haver dotado
a santa imagem d'ella.

Podesses tu, creança, que invoquei
na minha phantasia,
reconhecer a imagem, que adorei
na cathedral sombria;

para teu rosto, emfim, me illuminar
d'amor — que é teu segredo —
imitando o milagre secular
da Virgem de Toledo.

1885.

Zeinab

(Impressões d'uma passagem de Gérard de Nerval)

A FIALHO D'ALMEIDA

Via-a um dia passar, em tarde silenciosa,
a esculptural Zeinab — a escrava bella e ardente,
emquanto a sua voz, melodica e chorosa,
cantava uma canção monotona e dolente.

Tinha a fatal belleza, a funebre magia
das plantas tropicaes em que se aspira a morte;
lembrava o seu olhar os climas do meio-dia,
e a sua estranha côr o loiro ambar do norte.

Seu canto nos levava a rumoras paragens,
na doce embriaguez dos sonhos passageiros.
Julgavamos seguir phantasticas viagens,
e n'um navio ouvir canções de marinheiros.

O typo recordava escravas da Turquia
— o dormente paiz e os crimes dos desejos,
a natureza ardente e bella como o dia,
mas onde dão veneno os langorosos beijos...

Fazia-nos surgír aos olhos deslumbrados
as cidades do vicio e os vegetaes do Oriente...
Erguiam-se de leve os tectos rendilhados,
um branco minarete, e a curva do Crescente...

E ao vel-a eu desejei, n'um extase pagão,
sorver dos labios seus uma essencia mortal,
n'essas brandas regiões, ouvindo uma canção
vinda do largo mar morrer no litoral.

No porto de Stambul, o golfo contemplando
— esse espelho do ceu profundo, adormecido —
emquanto o sol, no azul intenso declinando,
banhasse o triste harem n'um raio amortecido.

1884.

O Mineiro

A ALFREDO C. DA CUNHA

A's vezes, ao nascer um dia resplendente,
pela volta do sol, e quando a terra inteira
pede beijos de luz ao monstro d'oiro ardente,
que nas aguas espalha a fulva cabelleira ;

quando nas terras lida o aldeão trigueiro,
e sôam pelo ar cantigas e descantes
— deixando o sol e a vida, o tragico mineiro
desce curvadamente ás trevas resumantes !

Ficaram lá por cima as eiras, as canções,
pinhaes onde a luz morre... aldêas... lavradores...
e elle... vae percorrer as mudas regiões
onde a sombra alimenta os pallidos horrores.

Prende na fronte mésta a lugubre lanterna
— lagrima côr de sangue a deslisar na treva —
e ao seu vago clarão, na humida cisterna,
mergulha o luctador que um aureo sonho enleva.

Ambicioso desejo o seu olhar accende:
vae conquistar no abysmo o occulto filão d'oiro,
n'um destino cruel, que o tenta, e o mata e prende
quando sonha encontrar o colossal thesoiro!

Poeta, és como o heroe das fundas galerias,
que se enterra ainda em vida, e na agonia escura
recorda a terra e o sol... cearas... romarias,
por serenas manhãs de luz doirada e pura...

ao sinistro fulgor da Idêa ambiciosa,
sonhas ir encontrar tambem aureo filão:
e tu és, Pensamento, a mina mysteriosa
onde dorme o thesouro eterno da Illusão.

1884.

Dança macabra

(Ballada de outomno)

A PEDRO GAIVÃO

Erguendo, á beira da estrada,
os troncos pardos, despidos,
dizem na estranha ballada
os álamos : « são perdidos

nossos bons dias d'outr'ora,
aquella doce alegria
d'um sol que nos envolvia
em beijos de manhã loura ;

E' perdido o canto alado
das avesitas; o frio
trouxe ao campo amarellado
este silencio sombrio.

Já não se ouve pelo ar
o canto da cotovia,
dando signal para entrar
no grande coral do dia.

E quando o sol já não arde
pela terra desbotada,
o vento esquivo da tarde
vem, n'uma doida nortada,

trazendo na aza fina,
aguda como um cutélo,
a cada vida franzina
um cruel sôpro de gelo.

E se tudo adormeceu
transido, n'um morto somno,
é que esse vampiro — o outomno —
a nossa seiva bebeu.»

E os troncos alevantavam,
como carcassas despidas,
que ainda, n'um côro, choravam
pelas folhitas perdidas.

N'isto o vento impetuoso
tirou, a largas arcadas,
das arvores desfolhadas
um canto vertiginoso,

brusco, sinistro, fatal,
como se n'um esqueleto
passasse o arco irrequieto
d'um rabequista infernal.

E então as folhas cahidas,
ouvindo a estranha ballada,
ergueram-se pela estrada,
mirradas, descoloridas,

e começaram dançando
loucas, estranhas, sem norte,
n'esse delirio lembrando
a ronda febril da morte.

Chocando os corpos sem vida
contra os álamos batendo,
redemoinhavam correndo
pela estrada adormecida,

como se o chôro do vento,
em macabra evocação,
galvanisasse um momento
essa espectral multidão.

A noite cáe lentamente,
e a lua, á beira do céo,
surge embuçada n'um véo
de neblina transparente.

E emquanto espalha do azul
o brilho coado e frio,
o vento rijo do sul
— violinista sombrio —

continúa, impetuoso,
tirando a vivas arcádas
das arvores desfolhadas
um canto vertiginoso...

1885.

O Navio

A M. GOMES PALMA

O mar é calmo; a brisa afaga docemente
a véla grande. Ao longe a costa alcantilada
já se perde na bruma. E' fresca a madrugada,
e a marinhagem vae cantando alegremente.

Bate o remo ligeiro e as enfunadas vélas
arfam. No azul perpassa um bando de gaivotas,
e a nau, como ellas, busca as solidões remotas
abrindo o pavilhão todo bordado a estrellas.

A quilha fina corta a onda sussurrante;
baloiça nobremente a prôa aurilavrada,
d'onde se eleva ao ar uma figura alada
— chimera a desprender o vôo triumphante.

Attento, olhando o ceu dulcissimo e sereno,
destro, o piloto marca o rumo junto ao leme;
e lembra na belleza um marinheiro helleno
cortando o mar Egeu na sua nau trireme.

A' pôpa sônha um par feliz e venturoso.
Embala-lhes o amor a voz dos remadores,
e esse canto suave, estranho e mysterioso,
diz-lhes, na embriaguez dos sonhos tentadores:

«Demandamos ao largo ignota região,
uma ilha virginal, onde incessantemente
nas encostas floresce o myrto viridente,
e nas selvas segréda a fresca viração;

onde as aves a par cantam no vasto ceu,
onde o sol, despenhando uma cascata d'oiro,
accende em cada rocha o brilho d'um thesoiro;
onde o mar é um canto e a terra um hymeneu.

E' lá que a alma embalada ao rythmo das canções
vive o Presente, em manso e desprendido idyllio,
sem soffrer da Saudade o amargurado exilio,
e sem ter do Porvir as vagas tentações.

Lá nos corre a existencia em deslisar suave:
— é uma idade d'oiro á luz d'eterna aurora —
e no banho lustral d'essa manhã sonora
é puro o nosso amor como um trinado d'ave.

E' lá que o lotus abre a flôr mysteriosa
e a palmeira balança a folha verdejante,
é lá que, ouvindo um canto estranho, o navegante
esquece o remo á flôr da onda rumorosa.

E' lá que existe, olhando a vasta região,
o palacio do Sonho, onde a Chimera habita.
Sopra ligeiro, ó vento, e a nossa véla agita;
leva-n'os a viver n'essa ideal Ceylão!...

E vão. Bate ligeiro o remo, e a véla, arfando
como o peito d'um cysne alvissimo e fremente,
agita-se, palpita e vae anciosamente
correndo sobre o mar profundo, immenso e brando.

A visão d'essa ilha, ha tanto presentida,
enche-lhes de fervor a mente aventureira;
mas a doirada nau, na celere carreira,
não avista ainda ao longe a terra promettida.

Ha muito que deixou a praia, e no Oceano
dias de largo sol e noites constelladas
têm vindo illuminar as vélas, enfunadas
na conquista fallaz d'esse distante arcano.

Até que emfim, sem ver o termo da viagem,
volta desmantellada a nau audaciosa
ao porto, d'onde ha muito a lucida miragem
a fizera partir em fuga aventurosa.

O piloto alquebrado, envelhecido, enxuga
a face requeimada. E' branco o seu cabello.
Ninguem recorda já esse perfil tão bello,
que ensombra duramente uma profunda ruga.

Já não vibram canções na fresca viração;
vêm os remos pendendo, e vê-se baloiçar,
como uma ave ferida e quasi a agonisar,
rôto, no mastro grande, o nobre pavilhão.

Tristes, olhando a terra outr'ora limitada
para contel-os, vêm os pallidos amantes,
chorando o morto amor, sombrios, soluçantes,
gasta de esteril febre a face desbotada.

E todos vêm dizendo em côro, entre gemidos:
«Desfez-se pelo ar a nuvem que seguimos,
e voltamos por fim, nostalgicos vencidos,
saúdosos d'um bem que nunca possuimos...»

Mas em breve essa nau ha de partir ainda,
porque de novo irão febris navegadores
a percorrer do mar a vastidão infinda,
com um novo piloto e novos remadores.

E os que ficam na terra embalde lhes dirão:
«Nós fomos como vós, n'essa longa viagem,
a demandar ao largo a incognita paragem
que os vossos olhos nunca ao longe avistarão!»

*

* *

E' nossa alma esta nau que, sobre o mar da Vida,
uma manhã deixou o berço, a curva praia,
para singrar, singrar, na rapida investida,
emquanto a rosea aurora -- a adolescencia — raia.

Sobre o mar da Existencia ella navega, ousada.
Piloto juvenil — dirige o leme o Amor;
e somos nós tambem (visão immaculada!)
que formamos á pôpa o grupo seductor...

Cantando ao largo um canto estranho e mysterioso,
Os Sonhos vão movendo essa galera nobre;
o mar é calmo, e o ceu profundo que nos cobre
annuncia no azul um tempo bonançoso.

Mas ha muito que a nau vae pelo mar, errante.
E um dia emfim, sem ver o termo da viagem,
voltamos, pois que a doce e lucida miragem
cada vez nos sorri mais vaga e mais distante.

E depois da chegada ao porto, hemos de ver
nossos filhos tambem partir na nau doirada,
e tambem nós então havemos de dizer
na descrença cruel da alma angustiada:

«Nós fomos como vós n'essa longa viagem
— cheio de ardente fé o ousado coração —
a demandar ao largo a incognita paragem,
que os vossos olhos nunca, ai! nunca avistarão!»

Mas hão de emfim partir; e ao declinar da vida
havemos de verter saudoso pranto amargo
e curvar tristemente a fronte envelhecida,
ao vermos com inveja a nau sumir-se ao largo...

1885.

FIM

INDICE

CANÇÕES DO MONDEGO

Prefacio . . . . . Pag. 7
As minhas canções . . . . . » 13
Coimbra . . . . . » 18
No rio . . . . . » 25
A visinha . . . . . » 30
Regresso . . . . . » 35
Serenata . . . . . » 36
Coração trocado. . . . . » 41
Em ferias . . . . . » 42
Ausencia . . . . . » 53
A noite de S. João . . . . . » 54
Recordações . . . . . » 68
Em Santa Cruz . . . . . » 74
Historia simples . . . . . » 77
Vinte annos . . . . . » 87

RIMAS ESCOLHIDAS

Napole vedere . . . . . Pag. 103
Quando ella morreu . . . . . » 104
Abandonada . . . . . » 108
Paradise lost . . . . . » 110
Esquecimento . . . . . » 113
O lenço . . . . . » 114
Maria . . . . . » 116
O teu olhar . . . . . » 118
Visão mystica . . . . . » 123
Zeinab . . . . . » 130
O Mineiro. . . . . » 133
Dança macabra . . . . . » 136
O Navio . . . . . » 141

Acabou
de imprimir-se este volume
aos 9 de julho de mil oitocentos e noventa e dois,
na typographia
de
Manuel Caetano da Silva, successores,
em
Coimbra.

OBRAS DE MANOEL DA SILVA GAYO

UM ANNO DE CHRONICA — I vol. 600

POESIAS — I vol. 600

A SEGUIR

PECCADO ANTIGO (novella) — I vol.

CONTOS — I vol.

OS NOVOS (critica) — I vol.

Monographias:

GARRETT

DOMINGOS SEQUEIRA

ANTONIO JOSÉ

DUQUE DE LAFÕES

This book should be returned to the Library on or before the last date stamped below.

A fine of five cents a day is incurred by retaining it beyond the specified time.

Please return promptly.

BOOK DUE WID
6247028
FEB 5 1979
CANCELLED

NOV - 7 1978